



AÇÃO SOCIALISTA



PASSAGEM DE TESTEMUNHO PARA UM "NOVO CICLO" NO PS E NO FUTURO DO PAÍS

PÁG. 5



PEDRO NUNO SANTOS ELEITO SECRETÁRIO-GERAL DO PS

ENTREVISTA NAS PÁGINAS 6 E 7



JOSE ANTÓNIO RODRIGUES/PS



PEDRO NUNO SANTOS ELEITO SECRETÁRIO-GERAL

PS É A GARANTIA DE UNIDADE PARA CONSTRUIR “PORTUGAL”

Pedro Nuno Santos foi eleito Secretário-Geral do PS, com 24.080 votos, correspondentes a 62% da votação expressa pelos membros do partido, anunciou pelo presidente da Comissão Organizadora do Congresso (COC), Pedro do Carmo, José Luís Carneiro foi o segundo colocado, ficando Daniel Adrião em terceiro lugar, com 382 votos, correspondentes a 1%. Ainda de acordo com os dados oficiais, a candidatura de Pedro Nuno Santos venceu no âmbito do Serviço Nacional, com 437 eleitos pela candidatura de José Luís Carneiro e cinco referentes à

NA SUA declaração de vitória, o novo Secretário-Geral do PS afirmou a força e a unidade do partido, destacando que os socialistas garantem ao país o “exemplo de estabilidade” para ganhar a confiança dos portugueses nas legislativas e construir um “Portugal inteiro”. Falando na sede nacional, em Lisboa, após a proclamação dos resultados oficiais das eleições internas, Pedro Nuno Santos começou por saudar todos os socialistas e “cumprimentar os camaradas” que “foram circunstancialmente”

adversários, José Luís Carneiro e Daniel Adrião, elogiando o contributo que deram para o debate interno no partido. “Contamos com eles para a unidade. No PS, fazemos confrontos internos, mas terminados ficamos unidos. Somos um partido inteiro. O PS sempre teve essa capacidade de se unir”, sublinhou. Na sua intervenção, Pedro Nuno Santos fez ainda uma referência especial, primeiro a Mário Soares, histórico fundador e primeiro Secretário-Geral do PS, que em 2024 faria 100

anos. “É o nosso maior”, evocou, motivando uma prolongada salva de palmas. Depois, de saudação ao Secretário-Geral cessante e primeiro-ministro, António Costa, de cujo legado afirmou ter “orgulho” e com cuja liderança esteve “do primeiro ao último dia”, o que gerou um novo e prolongado aplauso. “Nós não temos tantos políticos com tanta experiência de política nacional, internacional como António Costa”, observou, garantindo que irá, naturalmente, “aproveitar” a sua “experiência,

inteligência e sagacidade”. “É essa estabilidade que nos caracteriza e que também projetamos para o país”, sustentou.

Muito para fazer e orgulho no trabalho feito

No seu discurso, Pedro Nuno Santos defendeu, depois, o legado que é motivo de orgulho para os socialistas, projetando o futuro e o muito trabalho que há ainda para fazer. “Na saúde, na habitação, há ainda muito trabalho para fazer, há trabalho que começou a ser

feito e que só produz os seus resultados com o tempo”, disse. “O Serviço Nacional de Saúde (SNS), essa grande construção que o povo conseguiu desde o 25 de Abril, foi por nós criado com o voto contra da direita. Não está tudo bem com o nosso SNS. Mas a nossa solução não é desistir dele, não é privatizá-lo ou, como dizem alguns, complementá-lo com o privado. Não, nós queremos mesmo salvar o nosso SNS, um serviço, público e universal. Esta grande conquista temos de mantê-la e preservá-la”, declarou.



JOSE ANTONIO RODRIGUES/PS

SECRETÁRIO-GERAL DO PS

E ESTABILIDADE "PORTUGAL INTEIRO"

... militantes socialistas nas eleições diretas. De acordo com os resultados do candidato mais votado, com 14.868 votos, correspondentes a 36%, a candidatura de Pedro Nuno Santos elegeu 941 delegados ao Congresso e a candidatura de Daniel Adrião.

"Há muito ainda por fazer, mas são os socialistas os melhores para o fazer", completou Pedro Nuno Santos.

Estabilidade depende de um PS forte

Pedro Nuno Santos afirmou a sua convicção em "dar um novo impulso" e "uma nova energia" a Portugal, para "continuarmos a concretizar o projeto de social-democracia que o PS tem para o país". "Nós somos a única plataforma política que concilia o progresso social

com o progresso económico", sustentou. O novo Secretário-Geral dos socialistas frisou, neste sentido, que é com o programa do PS que quer "chegar à maioria do povo português" nas legislativas antecipadas de 10 de março, salientando que "os portugueses olham para a política à procura de respostas para os seus problemas". "É esse o nosso objetivo: tentarmos ter uma grande maioria para conseguirmos estabilidade, para que a solução

de governo que venhamos a liderar tenha estabilidade. Essa estabilidade depende de um PS forte, e é isso que nós vamos tentar conseguir ao longo desta campanha junto dos portugueses", reforçou. "Nós vamos trabalhar para ter uma grande vitória, vamos querer mobilizar o povo português para ter uma grande vitória. E o nosso discurso, o nosso programa é o programa eleitoral do PS", concluiu o novo líder socialista. ■



Fim de ano e fim de ciclo. Abrimos as portas ao Novo Ano com a determinação de sempre e a energia renovada para melhorar a vida das portuguesas e dos portugueses.

2023 foi um ano difícil e atípico. Nos planos externo e interno. A guerra na Ucrânia sem fim à vista. A guerra na Palestina que, em cerca de dois meses, já matou mais de 8000 crianças. A crise da inflação, com a subida acentuada das taxas de juro, não obstante as corajosas medidas do governo, deteriorou o rendimento das famílias. E, em cima de tudo isto, fomos mergulhados numa inesperada e indesejável crise política.

Nas eleições antecipadas de janeiro de 2022, as portuguesas e os portugueses reforçaram a confiança no PS. A vitória do PS com maioria absoluta foi como uma espinha cravada na garganta da direita, que invocou fantasmas e demónios do cavaquismo e tudo fez para desgastar o governo socialista. O Presidente da República ajudou à festa, recorrentemente lembrando que não prescindia do poder de dissolver o Parlamento. Disse e fez. Lançou, pela segunda vez, a "bomba atómica" política. Ninguém compreende que, num mundo cada vez mais perigoso, em que a mentira é mais ouvida que a verdade, em que o populismo faz medrar a extrema-direita, se tenha sacrificado uma rara e invejável estabilidade política e social no altar de ignotos deuses.

2024 anuncia-se exigente e imprevisível. Vai ser um ano de grandes decisões. Em Portugal, na Europa e no Mundo. Eleições nos Açores, eleições para a Assembleia da República e para o Parlamento Europeu. Eleições nos Estados Unidos da América com a possível vitória de Trump a assombrar a geopolítica mundial. Para a democracia portuguesa é um ano de forte simbolismo e questionamento. Em que condições vamos comemorar o cinquentenário do 25 de Abril? Nas eleições antecipadas de 10 de março, a estabilidade governativa só é possível com um PS forte. A avaliar pelas sondagens, é também essa a opinião da maior parte dos portugueses. Um governo de direita refém do Chega não é solução. E a recente experiência mal sucedida nos Açores não recomenda repetição.

Em 2023, elegemos o novo Secretário-Geral do nosso partido. Em 2024, vamos eleger o novo Primeiro-Ministro de Portugal: Pedro Nuno Santos. Depois de um estimulante debate interno, o PS apresenta-se unido em torno do novo líder. Um partido inteiro por um Portugal inteiro, que não exclui ninguém. Na mensagem de Natal, o Primeiro-Ministro António Costa, a quem o PS e o país muito devem, lembrou que "temos muito trabalho em curso que não podemos parar". Não podemos parar nem andar sempre a mudar de prioridades e estratégia. É a hora de passar do projeto à obra, sem receio de errar. "O erro é o ponto de partida da criação. Se temos medo de errar, nunca conseguiremos assumir os grandes desafios", palavras de George Steiner, um dos maiores pensadores contemporâneos.

O PS apresenta-se aos eleitores com o legado dos governos de António Costa, que os portugueses avaliam muito positivamente. Como disse Pedro Nuno Santos, todos nós temos "orgulho" desse legado. Sob a liderança de Pedro Nuno Santos, o futuro Governo socialista será capaz de fazer ainda "mais e melhor", como afirmou António Costa.

Feliz 2024! ■



JOSE ANTONIO RODRIGUES/PS

“DISPONÍVEL PARA CONTINUAR A SERVIR O PS E O PAÍS”

José Luís Carneiro saudou o novo Secretário-Geral eleito pela sua vitória nas eleições diretas do partido, reforçando a sua disponibilidade para trabalhar no reforço do Partido Socialista e ao serviço do país.

“**A PARTIR** de hoje somos todos socialistas, somos todos do grande partido da esquerda democrática e é com os nossos valores de sempre, da igualdade, liberdade e fraternidade, que queremos contribuir para servir o nosso país”, referiu.

José Luís Carneiro observou que a sua candidatura teve “um significado muito profundo”, também para as futuras gerações, ao afirmar que “não há inevitabilidades na vida democrática”, congratulando-se com o “notável resultado”, que não tendo sido maioritário na escolha dos socialistas, “teve dos mais elevados resultados das

candidaturas não ganhadoras que se desenvolveram até hoje”.

Reiterando a sua disponibilidade para servir o partido, apontou que “o PS tem que continuar a ser um partido aberto, plural e profundamente democrático”, capaz “de dialogar com toda a sociedade portuguesa” e de ser “o primeiro e mais importante baluarte da defesa dos valores democráticos e na defesa dos valores constitucionais”, reforçando-se como “o grande partido da democracia portuguesa”.

José Luís Carneiro deixou ainda uma palavra de agradecimento ao primeiro-ministro e anterior Secretário-Geral do PS, António Costa.

“Não posso terminar a minha declaração sem uma palavra de sentido agradecimento de camaradagem e de profunda admiração ao Secretário-Geral e camarada António Costa. Ele deixa no partido e no país uma marca que nos honra a todos”, enalteceu. ■

“IDEIAS QUE VÃO FAZER O SEU CAMINHO”

Daniel Adrião reconheceu que o resultado da sua candidatura ficou aquém do que desejava, mas salientou que algumas das ideias pelas quais se bateu “vão fazer o seu caminho”.

“**DESDE LOGO**, quando lancei a minha candidatura, disse que o meu grande objetivo não era conquistar o maior número de votos, era precisamente congregar o maior número de vontades em nome de um projeto transformacional para o país”, referiu. Ainda que não tenha havido, em sua opinião, pelo contexto específico em que se realizaram as eleições internas, a “oportunidade de fazer um debate mais

alargado sobre as políticas para o país” e “um debate sobre também o modelo de organização e de funcionamento interno do PS”, Daniel Adrião manifestou-se convicto de que algumas ideias pelas quais se bateu nestas eleições “vão ficar para além desta disputa interna e vão fazer o seu caminho para além deste Congresso”.

“Eu bati-me sobretudo por ideias. Bati-me pela possibilidade de os militantes do PS poderem escolher os seus candidatos a deputados, bati-me pela possibilidade de os cidadãos poderem eleger diretamente os seus deputados. Essas são questões fundamentais e que, aliás, estão já a ser apropriadas pelo partido”, saudou. ■



88



PASSAGEM DE TESTEMUNHO PARA UM “NOVO CICLO” NO PS E NO FUTURO DO PAÍS

António Costa e Pedro Nuno Santos reuniram-se na sede nacional do PS, no dia seguinte à divulgação dos resultados das eleições internas, num encontro descrito como de passagem de testemunho e de afirmação de um renovado ciclo, que o novo Secretário-Geral socialista garante pretender que seja de “continuidade e também de mudança”, dando resposta “aos problemas que o país ainda enfrenta” e para “fazer avançar Portugal”.

DEPOIS de expressar “orgulho” pelos bons resultados alcançados pelos governos socialistas liderados por António Costa ao longo dos últimos oito anos, Pedro Nuno Santos deixou a garantia de que, no futuro Governo liderado pelo PS, não só vai, enquanto primeiro-ministro, “concluir muitos dos projetos iniciados pelo atual executivo”, como “abrir novas frentes dando início a uma nova fase da governação”, insistindo na ideia de que com o PS na liderança do Governo de Portugal “haverá um projeto com um novo impulso e com uma nova energia”. Ou seja, tratando-se de um projeto que não enjeita o propósito de querer continuar o legado deixado por oito anos de governos socialistas, não deixará de olhar também em frente, não vacilando em “avançar com as mudanças políticas necessárias que sejam capazes de contribuir para a resolução dos problemas que o país ainda enfrenta”,

dando resposta a questões como a “melhoria dos salários, pensões e serviços públicos” e a forma como o futuro Governo socialista pretende “diversificar a economia continuando a manter o equilíbrio saudável das finanças públicas”.

“Um grande combate a esta direita”

Pedro Nuno Santos disse também não ter dúvidas de que “não é o líder do PS que a direita gostava de ter”, voltando a garantir que o PS fará “um grande combate” à direita para ganhar as eleições legislativas do dia 10 de março.

Quanto ao papel que espera que António Costa possa vir a ter no partido, Pedro Nuno Santos voltou a lembrar que o atual primeiro-ministro “tem e terá sempre” o seu espaço em aberto no PS, assegurando que espera “continuar a contar com o seu contributo”, mostrando “reconhecimento e gratidão” para

com o trabalho desenvolvido ao serviço do país.

Continuidade com “nova energia”

Por seu lado, António Costa advogou que a liderança de Pedro Nuno Santos irá trazer “uma nova energia”, lembrando que, concluído o processo das eleições internas, outro se abre para que “unidos possamos garantir que a partir de 10 de março haverá a continuidade daquilo que tem sido o bom ciclo de governação do PS”.

Nove anos depois de ter sido eleito Secretário-Geral do PS, António Costa reafirmou manter toda a disponibilidade, “agora como militante de base, para o que for útil para o futuro do partido”, garantindo total empenhamento em “concluir a sua missão, até haver novo Governo”.

O também ainda primeiro-ministro lembrou ainda que o novo líder do PS dispõe já das

condições e dos dados objetivos que lhe permitem poder apresentar-se às eleições legislativas com o conhecimento e o balanço que os portugueses fazem da governação do PS destes últimos oito anos, dispendo igualmente, como também salientou, do “necessário distanciamento para perceber o que é que se pode fazer melhor”.

Lembrando as políticas levadas a cabo ao longo dos últimos anos pelos governos do PS, com a economia portuguesa a apresentar níveis de crescimento económico, algo que não se verificava há várias décadas, mas também no “aumento do emprego, nas contas certas, nas exportações e no crescimento do PIB”, António Costa afirmou não ter dúvidas de que, sob a liderança de Pedro Nuno Santos, o futuro Governo socialista será capaz de fazer “mais e melhor”, insistindo na ideia de que o novo líder tem “provas dadas na boa

governação económica”, como alguém que é “experiente à frente da governação e capaz de fazer pontes com os partidos do campo democrático”.

Como fez ainda questão de frisar, Pedro Nuno Santos ultrapassa em experiência política o atual líder do PSD, garantindo mesmo haver uma “gigantesca diferença” entre ambos e que o PS “está mais unido do que o PSD ao fim de vários anos já de liderança de Luís Montenegro”. António Costa deixou ainda uma palavra para José Luís Carneiro, considerando que obteve um “resultado expressivo”, que veio uma vez mais provar “a pluralidade do PS”, um partido, como salientou, que é capaz de apresentar “um leque tão vasto de pessoas, de perspectivas de vida dentro da esquerda democrática até ao centro democrático”, no fundo “a área que é o espaço essencial de confluência do PS e a sua grande força”. ■

ENTREVISTA A PEDRO NUNO SANTOS

PS DÁ GARANTIA DE ESTABILIDADE E CONFIANÇA

Escolhido por uma ampla maioria dos socialistas como 9º Secretário-Geral do PS, Pedro Nuno Santos falou ao Ação Socialista em vésperas do 24º Congresso Nacional, que marca o arranque para um novo e revigorado ciclo político no partido e no país. Uma entrevista em que aborda as marcas de progresso que os oito anos de governação socialista deram ao país e os novos desafios que se projetam para o futuro, afirmando a garantia de estabilidade e de confiança que os portugueses podem esperar do voto no PS nas eleições de 10 de março.



De Mário Soares a António Costa, o PS tem um legado marcante. O que é que os socialistas podem esperar de Pedro Nuno Santos como seu líder e, sobretudo, como seu primeiro-ministro? E o que podem esperar de diferente de António Costa?

O legado do Partido Socialista confunde-se com o legado da nossa democracia e do nosso desenvolvimento posterior a 1974. O PS é o mesmo, mas os contextos são diferentes, e cada líder tem um perfil distinto dos anteriores, com características próprias, qualidades e defeitos, como é natural.

António Costa é o maior político português da atualidade. A sua experiência, inteligência, visão, competência executiva e capacidade de diálogo e negociação são ímpares na política nacional – e difíceis de igualar mesmo a nível europeu. Foi uma honra trabalhar sob a sua liderança, e aprendi muito durante estes anos em que participei nos seus governos. De mim, os portugueses podem esperar muito trabalho e empenho na resolução dos problemas do país, compatibilizando convicções com responsabilidade, e capacidade de diálogo com capacidade de decisão.

Tem dito que o PS não pode deixar que os portugueses se esqueçam daquilo que foi feito nestes oito anos. Como é que os socialistas o podem ajudar na rua a alcançar esse objetivo e conquistar a confiança dos portugueses no PS nas próximas eleições?

A mobilização de todos os socialistas é absolutamente essencial para que o PS seja capaz de passar a mensagem de estabilidade, de confiança e de esperança num projeto político transformador para o nosso país. E o trabalho dos últimos oito anos é muito importante para permitir essa mobilização, porque ele é a prova viva de que a governação socialista conseguiu e consegue fazer aquilo que a direita não acredita que fôssemos capazes de fazer: repor rendimentos e direitos, apostar nos serviços públicos, fazer investimento público, contribuir para a qualificação da nossa economia, e tudo isto enquanto transformávamos o défice em excedente orçamental e reduzimos a dívida pública. Isto não são promessas, é trabalho feito.

“Estabilidade” e “confiança” são marcas de

governação que o PS tem defendido. Que garantia pode dar o PS ao país de ser o centro da estabilidade política e governativa?

A garantia em relação ao futuro está precisamente ancorada na experiência dos últimos oito anos. Foram anos de estabilidade – mesmo com uma crise pandémica e uma crise inflacionista pelo meio –, e essa estabilidade permitiu gerar confiança nos portugueses de que a governação estava bem entregue. É essa garantia que, no nosso entendimento, podemos dar com credibilidade aos portugueses em relação à próxima legislatura. O povo português conhece-nos.

Como antigo Secretário-Geral da JS, como vê os desafios e expectativas das novas gerações hoje?

Os desafios das novas gerações são ao mesmo tempo similares e diferentes dos das gerações anteriores. Similares, porque o que se coloca aos jovens hoje continua a ser o desafio da independência: fazer os seus estudos, sair de casa dos pais, encontrar um emprego digno e estável que lhe permita ter recursos para perseguir os seus projetos de vida. Ao mesmo tempo, estes desafios são

diferentes, porque cada geração tem recursos familiares, pessoais, educativos, financeiros, distintos, e enfrenta constrangimentos distintos. Hoje, a geração mais jovem entra no mercado de trabalho com níveis de qualificações muito mais elevados do que há 20 ou 40 anos, mas enfrenta um mercado de trabalho altamente competitivo. Ao mesmo tempo, a habitação é de mais difícil acesso, o que adia ou dificulta o processo de autonomização em relação ao agregado familiar. Temos de procurar respostas transversais, que toquem diferentes áreas das políticas públicas essenciais para a qualidade de vida: habitação, educação, salários e rendimentos, mobilidade, ambiente, cultura...

O crescimento da extrema-direita é, talvez, uma das maiores ameaças à nossa democracia e à estabilidade de que tanto preservamos. Como é que se ganha este combate?

Ganha-se mostrando às pessoas que estão profundamente descontentes com os partidos que sustentam o sistema democrático e que perderam a esperança nas soluções que

“ O REFORÇO DO PARQUE PÚBLICO DE HABITAÇÃO VAI CONTINUAR A SER UMA PRIORIDADE ”

“ OS PORTUGUESES PODEM ESPERAR MUITO TRABALHO E EMPENHO NA RESOLUÇÃO DOS SEUS PROBLEMAS, COM RESPONSABILIDADE, DIÁLOGO E CAPACIDADE DE DECISÃO ”



JOSE ANTONIO RODRIGUES/PS

aqueles advogam para melhorar a sua vida, que estes partidos são, ainda assim, aqueles que estão em melhores condições para melhorar a sua vida. Votar na extrema-direita não resolve nada porque esses partidos não servem para encontrar soluções; servem apenas para canalizar sentimentos e emoções negativas contra certos grupos transformados em bodes expiatórios (imigrantes e políticos, por exemplo). Em particular, o que os partidos socialistas e social-democratas precisam de mostrar a estas pessoas é que é o voto nas suas políticas que vai permitir ao povo viver melhor. Mas o ónus está mais em nós, políticos, do que nas pessoas. Se elas se afastaram de nós, foi porque nós não fomos capazes de encontrar a resposta que as pessoas procuravam.

A defesa do Estado social tem sido uma das suas grandes bandeiras nesta campanha. Começamos pelo Serviço Nacional de Saúde. A reforma que está em curso é para manter e o que mais vai propor para o seu reforço?

É muito importante que a reforma em curso possa fazer o seu caminho. Não é possível

governar bem na base do “pára-arranca”, em que, quando um governo inicia uma reforma, o governo seguinte (do mesmo partido ou não) se apressa a interrompê-la e a alterá-la, não permitindo avaliar o seu impacto e resultados. A reforma que o atual governo concretizou vai permitir – é a nossa convicção – melhorar em eficiência e eficácia. E o recente acordo com os médicos deixa-nos otimistas que, também com este grupo de profissionais, será possível recuperar um clima de paz social.

O conflito com os professores tem sido um fator de grande instabilidade nas escolas. Acredita que com a reposição do tempo das carreiras, a escola pública ganhará estabilidade?

Se conseguirmos chegar a um acordo com os professores, poderemos construir um clima de paz social com a classe docente e, dessa forma, recuperar estabilidade no funcionamento da escola pública. Isso não deixará de ter reflexos no ambiente de ensino e de aprendizagem e, como consequência indireta, nos resultados dos nossos alunos – bem como na confiança que as famílias depositam na escola pública.

“A MOBILIZAÇÃO DE TODOS OS SOCIALISTAS É ABSOLUTAMENTE ESSENCIAL PARA QUE O PS SEJA CAPAZ DE PASSAR A MENSAGEM DE ESTABILIDADE, DE CONFIANÇA E DE ESPERANÇA NUM PROJETO TRANSFORMADOR PARA O NOSSO PAÍS”

A valorização de toda a administração pública é também uma meta?

Garantir a elevada qualidade dos serviços que o Estado presta aos cidadãos e às empresas é uma prioridade central para o PS. E, para isso, é essencial valorizar, respeitar e apostar numa administração pública qualificada, motivada e rejuvenescida. É natural que, para a

direita, que tem uma agenda de privatização dos serviços públicos, a valorização de toda a administração pública não seja uma prioridade. Para o PS é central garantir que o nosso Estado funciona de forma eficiente e eficaz e, para tal, é importante garantir que as pessoas que fazem os serviços funcionar se sintam valorizadas e motivadas no exercício das suas funções.

A habitação é um dos temas que mais preocupa os portugueses neste momento. Que balanço faz dos programas em curso e que novas soluções e programas de médio e longo prazo vai apresentar?

A habitação é hoje um problema que atinge toda a Europa. Portugal não é exceção. Importa lembrar que, ao longo de mais de 40 anos de democracia, o Estado entregou ao mercado a gestão da política de habitação. Foi o PS que recuperou a visão da habitação como pilar do Estado Social e foi comigo como Ministro das Infraestruturas e da Habitação que lançámos o maior programa de habitação pública da história da nossa democracia. Hoje, Portugal é o país da Europa que mais verba do PRR dedica à habitação. Temos hoje mais

de 26.000 casas programadas, em projeto, em construção ou já entregues a famílias. O reforço do parque público de habitação continuará a ser uma prioridade para nós, mesmo depois de terminado o PRR, porque são estas casas que devolverão dignidade a quem vive em condições precárias, casas que as famílias possam pagar.

Como é que será possível reforçar o Estado social nas suas várias vertentes e ao mesmo tempo garantir o equilíbrio das contas públicas?

Através de uma gestão inteligente da política orçamental e económica, como os governos do PS mostraram ser possível concretizar nos últimos anos. Foi assim que foram obtidos inúmeros avanços no apoio aos rendimentos das famílias, na valorização da administração pública, no investimento público, com a transformação do défice em excedente orçamental e com a redução acelerada da dívida pública. É esta trajetória virtuosa que queremos continuar a seguir, mas calibrando-a um pouco mais no sentido de reforçar o investimento nos serviços públicos.

Em termos de política fiscal, o PSD tem defendido uma redução dos impostos. É possível e desejável?

O PSD apresenta a redução de impostos como uma solução mágica para a resolução dos problemas da economia e da sociedade portuguesa. Mas esta solução não é simplista, e por vezes é falsa e/ou injusta. Antes de mais, é importante lembrar que o nível de tributação em Portugal – o que se costuma chamar “carga fiscal” – é mais baixa do que a média europeia. No caso da fiscalidade sobre as empresas, ela não pesa sobre a sua capacidade para se desenvolverem e crescerem. Em relação à fiscalidade sobre as famílias, devemos lembrar que as sucessivas reduções de IRS já reverteram, em termos de dinheiro devolvido às famílias, o “enorme aumento de impostos” de Vítor Gaspar de 2013. Existe, porém, algum caminho a fazer no domínio dos impostos indiretos, que pesam proporcionalmente mais nos orçamentos das famílias com mais baixos rendimentos. Há algum trabalho de justiça social e fiscal a desenvolver aqui. ■



JORGE FERREIRA/GPSPS

APROVAÇÃO DO OE2024 CONSOLIDA CAMINHO QUE VIROU PORTUGAL PARA O FUTURO

Para o primeiro-ministro, António Costa, a herança deixada pelos oito anos de governação socialista permitiu a Portugal ter virado a página da austeridade, alcançar o equilíbrio orçamental, sair dos crónicos défices excessivos e criar um cenário político e económico mais sólido e socialmente mais tranquilo.

FALANDO após a proposta de Orçamento do Estado para 2024 ter sido aprovada em votação final global, António Costa, defendeu que o legado deixado pelos oito anos dos seus governos poderá ser sintetizado, entre outras medidas, pelo “virar de página da austeridade, pelo equilíbrio orçamental e pela continuação da trajetória da melhoria dos rendimentos dos portugueses”. Portugal tem hoje mais liberdade, disse o primeiro-ministro, porque conseguiu neste período dos governos do PS ultrapassar as políticas herdadas da direita de austeridade, de cortes de salários e rendimentos e inverter o desmantelamento do Estado social, defendendo que com a aprovação do OE2024 os portugueses vão poder continuar a

melhorar os seus rendimentos e o país a “continuar a promover o investimento, o emprego, as qualificações, a inovação e as exportações”. Portugal passou de um ciclo vicioso de permanentes défices excessivos, referiu ainda António Costa, para uma situação de “sólida e tranquila estabilidade orçamental”, o que lhe permite “aumentar a liberdade das escolhas políticas” e prosseguir a trajetória de desenvolvimento, mantendo a convergência económica com a União Europeia, “algo que já não acontecia desde o princípio do século”.

“Milagre económico” é obra de boas políticas

Coube ao ministro das Finanças, Fernando Medina, o discurso de encerramento do

debate do OE2024, uma intervenção em que o governante, em jeito de balanço, considerou que os oito anos dos governos socialistas, “qualquer que seja o prisma”, têm de ser vistos como o “período de maior progresso e desenvolvimento do país”.

“Temos bons resultados para apresentar porque temos tido boas políticas”, disse o ministro das Finanças, insistindo que os bons resultados “nada têm a ver com milagres”. Mostrando-se, por isso, convicto de que com a direita no poder muitas das medidas progressista e emblemáticas, aprovadas e postas em prática pelos governos do PS, “não teriam avançado”. Defendendo que o sucesso da atual governação “assentou na destruição dos

pilares fundamentais” da governação dos partidos da direita, destacou, entre outras, os sucessivos aumentos dos salários “como uma marca que o executivo socialista deixa”. Para Fernando Medina, o documento hoje aprovado no Parlamento reforça o rendimento das famílias, melhora os salários e a proteção social, bloqueia qualquer retrocesso do Estado Social, reforça o investimento “sem comprometer as contas orçamentais”, e abre mais e melhores perspectivas ao emprego “com mais direitos”.

Outra das medidas igualmente importantes que integram o OE2024, referiu ainda o ministro das Finanças, tem a ver, designadamente, com a questão das novas políticas de

habitação lançadas pelo Governo e dirigidas a resolver os problemas do imediato, “do curto prazo”, quer em relação aos arrendamentos, quer em relação ao crédito à habitação, sempre no pressuposto, como defendeu, de uma “subida rápida no número de fogos integrados no parque público de habitação”. Ainda de acordo com Fernando Medina, as diferenças entre a governação socialista e as propostas defendidas e apresentadas pelas oposições não se esgotam “no modelo económico, na responsabilidade financeira ou na defesa do Estado social”, mas vão muito para além disto, como referiu, porque “revelam-se também no combate às alterações climáticas que são “o maior desafio da nossa geração”. ■



ORÇAMENTO PROVA QUE O SOCIALISMO DEMOCRÁTICO FUNCIONA PARA TODOS

Eurico Brilhante Dias defendeu que o Orçamento do Estado para 2024, aprovado no Parlamento, “vai ao encontro dos valores de Abril” e assegurou que o PS nunca abdicará da sua “visão progressista, social e trabalhista”, num discurso em que agradeceu a António Costa o trabalho feito em prol do país.

O PRESIDENTE do Grupo Parlamentar do PS começou o seu discurso a admitir que “é fácil perceber o que vai acontecer a 10 de março”, dia de eleições antecipadas: o PS voltará a ganhar, porque “à direita não há alternativa”.

“Entre aqueles que são radicais e que parecem agora moderados, entre aqueles que se dizem moderados e fazem discursos radicais, venha o diabo e escolha – aquele que não veio durante oito anos”, ironizou Eurico Brilhante Dias, focando-se em seguida no documento orçamental.

“Este é um Orçamento que mantém o rumo que sempre orientou a ação política do Partido Socialista”, preservando o equilíbrio orçamental e apostando no “investimento e nas exportações para garantir o crescimento económico”, asseverou.

“O socialismo democrático funciona mesmo, para todas e para todos, e não apenas para alguns”, garantiu num recado especialmente dirigido ao líder da Iniciativa Liberal.

Indicando que “a emigração nos governos do PS baixou para metade do registado, por exemplo, em 2013”, quando governava uma coligação PSD/CDS, Eurico Brilhante Dias elegeu o emprego como o “objetivo nuclear e o resultado do trabalho dos últimos anos de governação do Partido Socialista”, que é um “partido com um cunho marcadamente trabalhista”.

“Em 2023 atingimos mais de

cinco milhões de trabalhadores inscritos na Segurança Social, o valor mais elevado dos últimos 25 anos”, congratulou-se o líder parlamentar do PS, alertando que o crescimento do emprego não é apenas uma questão de números, já que, “de 2015 a 2023, temos mais 500 mil trabalhadores com ensino superior no mercado de trabalho”.

O presidente do Grupo Parlamentar do PS reforçou que o “salário mínimo nacional terá o maior aumento de sempre graças a este Orçamento do Estado”, tendo crescido 62% desde 2015, e que o salário médio cresceu 36%. “Com este Orçamento, as famílias vão sentir no bolso o aumento de rendimentos, em especial a classe média e os mais jovens”, venceu.

Eurico Brilhante Dias manifestou depois o “enorme orgulho” de liderar a bancada que aprovou a Agenda para o Trabalho Digno, “uma reforma que inverte a tendência de flexibilização do mercado laboral, uma reforma que combate a precariedade, protege os trabalhadores em situação de maior vulnerabilidade, que procura apostar nos mais jovens e combater o trabalho informal”.

E deixou uma garantia: “Não abdicaremos nunca da nossa visão progressista, social e trabalhista”.

“É aos portugueses que a partir desta tribuna me dirijo. Aos pensionistas e entre estes aos mais vulneráveis. Aos desempregados

“ O SOCIALISMO DEMOCRÁTICO FUNCIONA MESMO, PARA TODAS E PARA TODOS, E NÃO APENAS PARA ALGUNS”

de longa duração. Aos marginalizados. Às vítimas de violência doméstica. Aos que necessitam dos apoios sociais, como o complemento social para idosos ou o abono de família. O Partido Socialista, ao longo dos últimos anos, esteve ao vosso lado, como este Orçamento mais uma vez o demonstra”, destacou. Eurico Brilhante Dias salientou também o trabalho dos deputados do Partido Socialista, afirmando que é graças ao seu esforço que fica garantido “o congelamento dos passes sociais, o alargamento da gratuidade das creches, nomeadamente através da medida da gratuidade das creches para as entidades públicas, e também os pequenos-almoços escolares gratuitos, garantindo que os alunos no 1º escalão da ação social escolar passam a ter acesso a pequeno-almoço escolar gratuito”.

Não há liberdade sem Estado Social

O líder parlamentar do PS recordou, no seu discurso, que o

Orçamento do Estado para 2024 “estará em vigor no ano em que celebramos os 50 anos de Abril”, assegurando que “este é mesmo um Orçamento que vai ao encontro dos valores de Abril”.

Num recado dirigido sobretudo às bancadas da direita, Eurico Brilhante Dias deixou um alerta: “Não há liberdade sem Estado Social. Ninguém é livre em Estado de Necessidade”.

“Os partidos da oposição à direita gostam muito de sublinhar que, nos últimos 28 anos, o PS foi Governo em 22. Uma escolha por voto popular dos portugueses. Estamos convictos de que o Programa Progressista do Partido Socialista irá, mais uma vez, ao encontro das necessidades das famílias portuguesas”, defendeu. E prometeu que o PS tudo fará “para que a poesia que saiu à rua em Abril, em 2024 possa sair à rua em março. Anteciparemos Abril em março, porque Abril foi mesmo feito para que tenhamos esperança num futuro melhor”. “Connosco o país não será entregue nem capitulará perante o populismo extremista, que tornou refém a direita democrática. Não passaram durante dois anos e continuamos a afirmá-lo: não passarão nos próximos”, venceu. A 10 de março, os eleitores estarão confrontados com uma escolha: “Ou escolhem o retrocesso político e social, em que a extrema-direita será motor e influência de uma governação que vai degradar e até desmantelar o Estado Social, o Serviço

Nacional de Saúde, a Escola Pública, o sistema de pensões, e o programa de apoios sociais aos mais vulneráveis, congelar carreiras, salários e pensões”; ou “escolhem prosseguir o caminho que iniciámos em 2015, e de que o Orçamento do Estado para 2024 é uma ferramenta fundamental para continuarmos a aumentar salários e pensões, reforçar o Estado Social, o SNS, a Escola Pública, criando emprego e apoiando as empresas, reduzindo os impostos sobre o trabalho, e sempre, mas sempre, sem que ninguém fique para trás”.

Portugal teve a sorte de ter António Costa a liderá-lo. Eurico Brilhante Dias não terminou o seu discurso sem “manifestar gratidão aos que nos governaram e, em particular, ao primeiro-ministro que cessará funções”, recebendo um enorme aplauso da bancada socialista. “Nas circunstâncias mais difíceis percebe-se melhor a qualidade da liderança. Portugal teve a sorte de o ter na liderança nos momentos mais duros da pandemia, o evento mais disruptivo das nossas vidas e, podemos mesmo dizer, do último século”, lembrou. Com António Costa presente na sala, Eurico Brilhante Dias dirigiu-lhe mais umas palavras: “Na política, como na vida, há valores que nunca são excessivos e muito menos prescindíveis – um deles é o da gratidão. Pelo país, pelo PS, muito agradeço o serviço que prestou à comunidade”. ■



PS É UMA FORÇA DE ESTABILIDADE E DE ESPERANÇA PARA OS AÇORIANOS

Vasco Cordeiro realça que o Partido Socialista se afirma como “uma força de estabilidade, de segurança, de confiança e de esperança para os açorianos”, considerando que é justamente necessário “recuperar essa esperança e essa confiança, para termos um sentido de futuro para a Região”.

O PRESIDENTE do PS/Açores falava à saída do Tribunal de Ponta Delgada, após ter entregue, acompanhado de uma vasta comitiva, a lista do PS aos círculos de São Miguel e da Compensação, listas que encabeça, para as eleições legislativas regionais antecipadas do próximo dia 4 de fevereiro. O candidato a presidente do Governo Regional salientou que estas listas do PS/Açores são “profundamente renovadas, com uma renovação que ascende a 75% e uma paridade que vai para além da determinada por lei”. Vasco Cordeiro considerou, também, que a Região vive um “momento extraordinário”, precisando por isso de “um projeto

credível, estável e seguro”. A esse respeito, frisou que as listas do PS “mobilizam o trabalho, o esforço e a vontade de participação de muitas pessoas que integram estas listas”. O presidente do PS/Açores considerou que os Açores “precisam de estabilidade”, uma vez que o Governo Regional da coligação PSD/CDS/PPM, como veio a tornar-se evidente, “não conseguiu e não consegue garantir essa estabilidade”. “Nós estamos na situação em que estamos porque a atual alegada solução de Governo desbaratou por completo aquilo que era o quadro de apoio parlamentar que tinha, porque não cumpriu os compromissos. Nós

precisamos de recuperar o futuro, a capacidade de decidir, a ideia de coesão entre as nossas ilhas, recuperar o impulso para o desenvolvimento da nossa economia, recuperar o trabalho realizado pelos Governos do Partido Socialista, que se perdeu nesses últimos três anos”, considerou. Vasco Cordeiro entende que a campanha eleitoral que se avizinha deve ser de “esclarecimento e não de medo”, salientando que se os Açores voltarem a ter um Governo Regional do PS “ninguém perderá aquilo a que tem direito”. Lembrando que os Governos do PS “foram aqueles que mais baixaram os impostos na nossa Região”, Vasco Cordeiro elencou

algumas das prioridades para a próxima legislatura, realçando que o PS está “comprometido com o objetivo de valorizar os funcionários públicos, recuperar a redução das listas de espera na Saúde e, na Educação, garantir o devido financiamento às escolas”. “Apresento-me de forma transparente, com confiança nas oportunidades de desenvolvimento da nossa Região e a certeza de que este projeto do PS é o projeto que os Açores necessitam. Os açorianos sabem que, votando PS, terão em mim o presidente do Governo”, reforçou. “Eu apresento-me nesta candidatura com aquilo que fiz, é certo, mas também com tudo

aquilo que aprendi durante estes três anos. Precisamos de recuperar esse trajeto de coesão, de melhoria de indicadores sociais, no fundo, de um sentido de futuro para a nossa Região”, finalizou o presidente do PS/Açores. O Partido Socialista dos Açores aprovou, no dia 21 de dezembro, as listas de candidatos às eleições legislativas regionais do próximo dia 4 de fevereiro e elegeu Vasco Cordeiro como candidato a presidente do Governo Regional. Carlos César, antigo presidente do Governo Regional e presidente do Partido Socialista a nível nacional é o mandatário regional. ■



PAULO CAFÔFO ELEITO PRESIDENTE DO PS/MADEIRA

PS É O “PARTIDO DA ESPERANÇA” PARA LIDERAR A MUDANÇA NA REGIÃO

O presidente eleito do PS/Madeira reafirmou o sentido de missão e o compromisso perante os madeirenses e portosantenses de tudo fazer para concretizar a mudança governativa na Madeira, apontando o PS como o “partido da esperança da Região”.

NA SUA primeira declaração como novo líder eleito, com 1.450 votos (98,64%) dos socialistas madeirenses, o que constituiu a maior votação de sempre, Paulo Cafôfo salientou que o PS é um partido de causas e de pessoas e que é com esse legado que pretende contruir um futuro melhor para a Região. “Sinto, neste momento em que fui eleito presidente do partido, o dever e a responsabilidade de liderar a mudança na Madeira”, declarou, fixando o “compromisso inabalável” de tudo fazer para “mudar o destino” da Região e garantindo que, além dos madeirenses e portosantenses, está acompanhado por “um partido forte e coeso que quer construir um tempo novo, de esperança e de oportunidades, onde as prioridades da governação estejam alinhadas

com os sonhos e com os projetos das pessoas e das famílias”. Paulo Cafôfo disse encetar um projeto no qual o PS se abre à sociedade civil, pretendendo incluir todos os que desejam o melhor para a Região. “Conto com o contributo de todos os que não se identificam com as políticas deste executivo, com as políticas de quase 50 anos, e que veem no nosso partido uma frente coesa, uma frente comum, para, com a energia necessária, uma energia catalisadora, podermos mudar a nossa Região”, referiu, garantindo que, na sua pessoa, os madeirenses vão encontrar uma “liderança determinada, entusiástica e com muita força para podermos enfrentar os desafios que temos pela frente”. O presidente eleito do PS/Madeira destacou o facto de na

Madeira a maioria da população já não votar no PPD, algo que ficou demonstrado em 2019 e que voltou a comprovar-se em 2023. “Há uma maioria social que quer uma mudança social e compete ao PS dar a resposta necessária para que essa maioria social se transforme em mudança social e as pessoas possam ter uma vida muito mais digna, a vida que merecem”, expressou, acrescentando que “o PS é o partido da esperança da Região” e que o futuro da Madeira se constrói a partir de hoje.

Colocar as pessoas no centro das prioridades

Paulo Cafôfo mostrou a sua preocupação em relação ao facto de a Madeira ter um dos piores índices no que diz respeito à pobreza e à desigualdade. “Eu não me conformo que quem trabalha

esteja condenado a ser pobre. Não me conformo que o berço onde hoje nasce uma criança na nossa Região continue a determinar o seu futuro e a ditar o seu destino”, sustentou, adiantando que só é possível mudar este estado de coisas se mudarmos de Governo. “Se não mudarmos de Governo, nada mudará. Os sacrificados de sempre serão os prejudicados de sempre, os privilegiados de sempre serão os beneficiados de sempre, e sempre não rima com futuro”, disse. O novo líder socialista referiu que o PS quer colocar as pessoas no centro das suas prioridades, implementando um programa de reformas estruturais e apontando como prioridades responder ao problema da falta de habitação, aumentar os rendimentos dos madeirenses, melhorar o acesso à saúde e criar

empregos qualificados e melhor remunerados. Isto, sem esquecer os jovens, que correm o risco de ser a geração que viverá pior do que os seus pais, e a classe média, que sustenta toda uma economia e não vê o retorno nem a valorização que deve ter. “Os jovens e a classe média não podem, de maneira nenhuma, ficar para trás e não ficarão para trás com o PS”, assegurou. Paulo Cafôfo disse ainda querer colocar a política ao serviço das pessoas e não ao serviço de alguns interesses. Relativamente aos atos eleitorais que se avizinham – as eleições legislativas nacionais e as europeias – garantiu que o PS/Madeira está preparado para os desafios e para apresentar projetos e pessoas que possam não só dignificar o partido, mas representar bem a Região. ■

8 ANOS DE GOVERNO

8 anos
A COMBATER AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

2015-2023 | **MARCAS DA GOVERNAÇÃO**

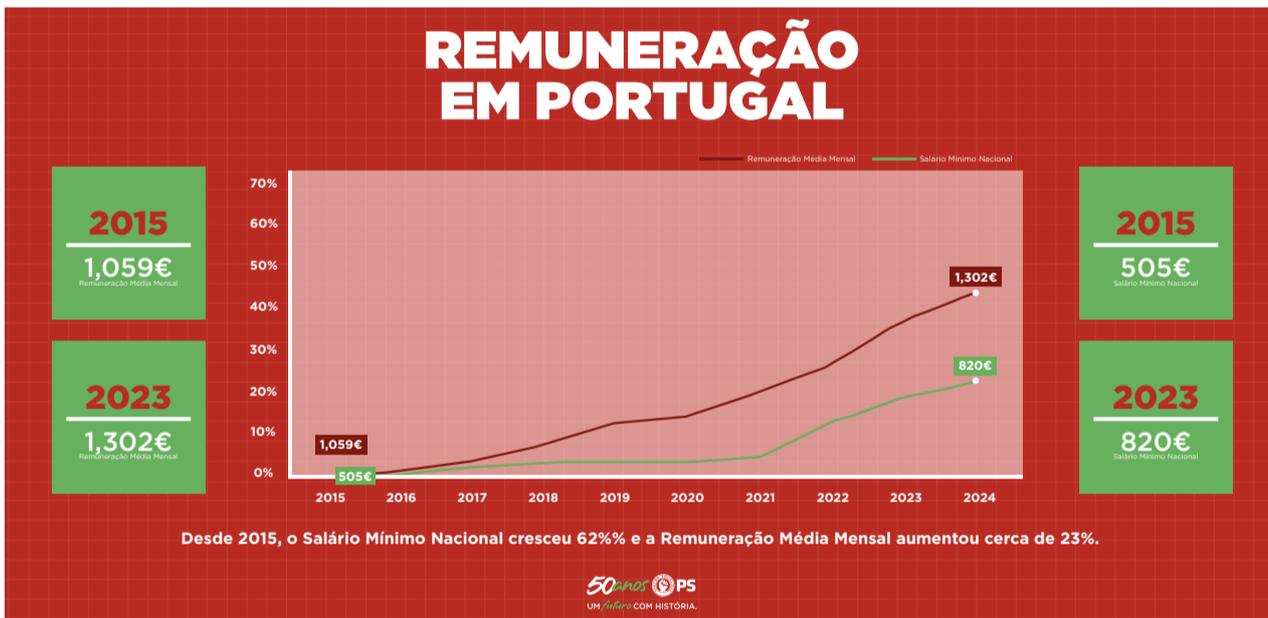
50 ANOS PS
UM Futuro COM HISTÓRIA.



LIDERANÇA GLOBAL NA META DA NEUTRALIDADE CARBÓNICA

Portugal foi o 1.º país do mundo a assumir a meta da neutralidade carbónica para 2050, na cop de Marraquexe (2016) e antecipou esta meta para 2045 na cop de sharm el-sheikh (2022)

50 ANOS PS
UM Futuro COM HISTÓRIA.



POPULAÇÃO EMPREGADA

(MILHARES DE PESSOAS)

Ano	População Empregada (milhares)
2015	4.350
2023	5.015,5

Em agosto de 2023, atingimos os 5 milhões de trabalhadores inscritos na Segurança Social, o valor mais elevado dos últimos 25 anos

50 ANOS PS
UM Futuro COM HISTÓRIA.

MANUAIS ESCOLARES GRATUITOS

Os alunos da escolaridade obrigatória passaram a ter manuais escolares gratuitos em 2016/2017 e os alunos do ensino secundário em 2019/2020

50 ANOS PS
UM Futuro COM HISTÓRIA.

PASSES ÚNICOS

Desde 2019 que asseguramos um valor único para os passes nas áreas metropolitanas; as famílias pagam no máximo 2 passes

50 ANOS PS
UM Futuro COM HISTÓRIA.

8 anos
A COMBATER A POBREZA E AS DESIGUALDADES

2015-2023 | **MARCAS DA GOVERNAÇÃO**

50 ANOS PS
UM Futuro COM HISTÓRIA.

NAÇÃO SOCIALISTA

ELIMINAÇÃO DE ENERGIA COM BASE EM FONTES FÓSSEIS



Fomos um dos primeiros países europeus a pôr fim à produção de eletricidade a partir do carvão (2021) e reforçámos o compromisso de terminar com o gás natural de origem fóssil para a produção de energia elétrica a partir de 2040

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA

8 ANOS A CRIAR MAIS E MELHOR EMPREGO



2015-2023 | MARCAS DA GOVERNAÇÃO

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA

SALÁRIO MÉDIO DOS JOVENS (ATÉ AOS 30 ANOS DE IDADE)

Ano	Valor
2015	743.61€ <small>outubro de 2015</small>
2023	1,082€ <small>abril de 2023</small>

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA

8 ANOS A APOIAR OS JOVENS, AS FAMÍLIAS E OS PENSIONISTAS



2015-2023 | MARCAS DA GOVERNAÇÃO

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA

AUMENTO DAS PENSÕES



Aumentámos as pensões todos os anos, e em seis (2017-2022) desses anos assegurámos aumentos extraordinários, acima do legalmente previsto.

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA

CRECHES GRATUITAS

Ano	Quantidade
2015	0
2023	85.000 VAGAS GRATUITAS

Introduzimos a gratuidade das creches em Portugal, servindo agora 85.000 crianças em todo o país

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA

TAXA DE POBREZA OU EXCLUSÃO SOCIAL

Ano	Porcentagem
2015	26,4%
2022	20,1%

Entre 2015 e 2022, a Taxa de Pobreza desceu de 26,4% para 20,1%

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA

DESPEÇA COM PRESTAÇÕES SOCIAIS

Trimestre	Valor
2.º TRIMESTRE DE 2015	9.559,2 M€
2.º TRIMESTRE DE 2023	13.238,9 M€

Aumentámos em 3.689 mil milhões de euros as despesas com prestações sociais

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA

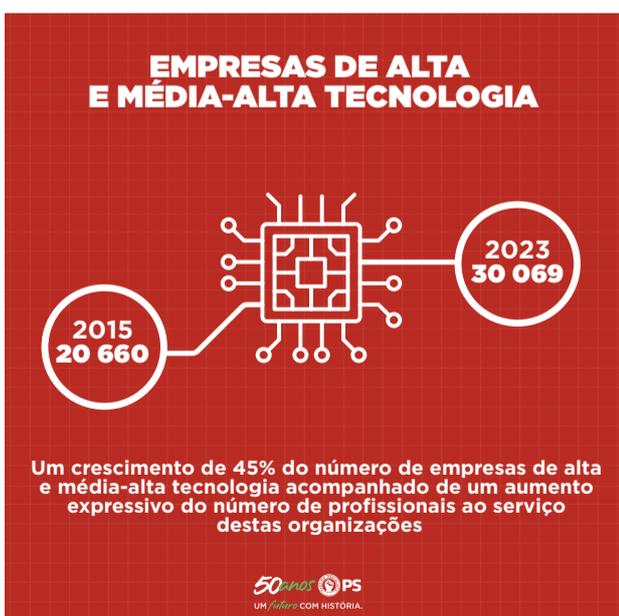
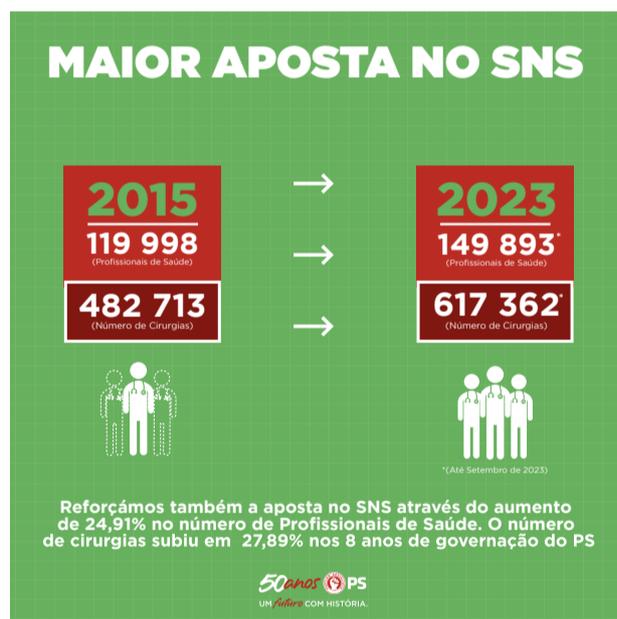
ABONO DE FAMÍLIA (VALOR MÉDIO)

Ano	Valor
2015	42€
2023	75€

Garantimos um aumento do valor médio do Abono de Família em 33€

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA

8 ANOS DE GOVERNO



NAÇÃO SOCIALISTA

GRADUADOS COM IDADES ENTRE 30 AOS 34 ANOS

Ano	Porcentagem
2015	31,9%
2022	43%

A percentagem de graduados com idades entre 30 aos 34 anos, aumentou em mais de 10%.

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA.

DOUTORADOS ENTRE 2015 E 2020

Ano	Número de Doutorados
2015	30.807
2020	37.113

Ao longo de 8 anos, promovemos o crescimento do tecido científico nacional através da atribuição de apoios aos bolseiros e investigadores

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA.

8 anos A REFORÇAR OS SERVIÇOS PÚBLICOS

2015-2023 | MARCAS DA GOVERNAÇÃO

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA.

LOJAS DO CIDADÃO

Ano	Lojas do Cidadão	Espaços do Cidadão
2015	36	229
2023	72	885

Número de municípios com Lojas de Cidadão e Espaços Cidadão. Em 2015 eram 229 em 19 municípios (7% do território). Em 2023, existem 879 espaços cidadão (EC) em 232 municípios do continente, o que corresponde a 83% do território continental

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA.

MAIS SEGURANÇA E MENOS CRIMINALIDADE

Ano	Investimento nas Forças de Segurança	Valor
2015	Investimento nas Forças de Segurança	1 544M€
2023	Investimento nas Forças de Segurança	1 893M€

Ano	Criminalidade Geral (Participações)	Valor
2015	Criminalidade Geral (Participações)	356.032
2022	Criminalidade Geral (Participações)	343.845

Ano	Criminalidade Violenta e Grave (Participações)	Valor
2015	Criminalidade Violenta e Grave (Participações)	18.964
2022	Criminalidade Violenta e Grave (Participações)	13.281

Portugal era e continua a ser um país seguro, hoje com mais investimento na segurança e menos criminalidade

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA.

8 anos A PREPARAR O FUTURO

2015-2023 | MARCAS DA GOVERNAÇÃO

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA.

SEGURANÇA SOCIAL

Ano	Valor
2015	1.034M€
2023	4.980M€

O saldo global da segurança social garante hoje a sustentabilidades de um sistema fundamental para a vida de milhões de Portugueses

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA.

MUNICÍPIOS COM ESTRATÉGIAS LOCAIS DE HABITAÇÃO

Ano	Número de Municípios
2015	0
2023	272

As políticas públicas têm hoje a habitação como prioridade governativa ao nível central e local. O envolvimento das autarquias vem agilizar respostas às necessidades da população e reforça o compromisso do PS e do Governo face a um direito fundamental

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA.

SALDO MIGRATÓRIO

Ano	Saldo Migratório
2015	-3 528
2023	86 889

Registámos um saldo migratório positivo desde 2017, com um total acumulado de 322.513 pessoas, mostrando que as políticas públicas em matéria de migração se têm traduzido num contributo fundamental do ponto de vista demográfico e económico

50 ANOS PS
UM FUTURO COM HISTÓRIA.



JOSE ANTONIO RODRIGUES/PS

ELZA PAIS REELEITA NA LIDERANÇA DAS MS-ID

A presidente das Mulheres Socialistas – Igualdade e Direitos (MS-ID), Elza Pais, foi reeleita para um novo mandato à frente da estrutura, nas eleições internas realizadas nos dias 15 e 16 de dezembro. Apresentando a moção “O Futuro é Igualdade”, a líder reeleita assegurou também 34 mandatos na Comissão Política Nacional das MS-ID, de acordo com os dados oficiais, com a candidatura de Teresa Fragoso, que a apresentou a moção “Igualdade Agora”, a recolher 16 mandatos.

SAUDANDO todas as mulheres socialistas que votaram neste ato eleitoral, dando prova de uma “enorme vitalidade e mobilização para a participação na vida interna do partido”, Elza Pais congratulou-se com a escolha “muito expressiva” nas urnas, “bem demonstrativa do apoio e confiança que as mulheres socialistas” depositaram na continuidade da sua liderança, conferindo-lhe “mais força e energia” para “fazer o que ainda não foi feito”.

“Estamos aqui para unir e seguir em frente com a convicção de quem acredita nas grandes causas. É uma vitória de todas as mulheres socialistas, uma vitória da Igualdade, porque nenhum projeto se afirma sem ser no coletivo, convictas que essa força coletiva das mulheres, como afirmou Maria de Lurdes Pintassilgo, é verdadeiramente transformadora, rumo a uma sociedade mais justa que todas e todos integre e ninguém exclua”, afirmou.

Perspetivando o novo ciclo político que se abre, Elza Pais dirigiu uma saudação especial ao novo Secretário-Geral eleito, Pedro Nuno Santos, “em torno

de quem nos mobilizaremos para ganhar as próximas eleições legislativas e europeias”, afirmando, por seu lado, o objetivo da liderança das Mulheres Socialistas em “dar continuidade” às políticas que têm vindo a ganhar caminho.

Nomeadamente, elencou, “ao trabalho que temos vindo a realizar para fazer avançar os dossiers nos diversos domínios da igualdade entre mulheres e homens e na não discriminação, reforçando os direitos das pessoas LGBTIQ+, no combate à violência contra as mulheres e violência doméstica”, assim como “no combate à xenofobia e racismo”, e nas políticas de “bom acolhimento, como temos vindo a fazer, de refugiados e imigrantes”.

Medidas de ação concretas

Entre as “medidas concretas” de ação para o mandato que agora se inicia, Elza Pais destacou, com ênfase na representação política igualitária, uma proposta de alteração da Lei da Paridade, de forma a acolher a alternância de género nos dois primeiros lugares das listas a qualquer tipo de

eleição, sejam legislativas, europeias ou autárquicas

Ao nível das lideranças empresárias, é proposto que o equilíbrio de género aumente para o limiar de 40% nos lugares executivos e não executivos das empresas cotadas em bolsa e do setor empresarial do Estado, visando, deste modo, terminar com o “efeito perverso” de colocar mulheres em lugares não executivos.

Uma terceira medida, no que respeita à conciliação entre a vida profissional, familiar e pessoal, passa pela proposta de que a licença parental aumente para 180 dias e que se adote a licença de parentalidade 50/50, salvaguardado o período de recuperação da mulher. Elza Pais destacou também, na defesa da Economia do Cuidado, a importância de se reconhecer o valor do trabalho doméstico não pago, através do respetivo cálculo no âmbito do PIB nacional, contabilizando o trabalho não pago como fator de riqueza. “Isto para que as jovens mulheres não tenham de abdicar das suas carreiras para terem o número de filhos que desejam ter. É também uma medida para

enfrentar os desafios demográficos”, assinalou.

Outra das medidas emblemáticas destacadas pela presidente das MS-ID prende-se com o reforço “do combate, sem tréguas, à violência doméstica”, efetivando as medidas de afastamento do agressor e a monitorização das mulheres que pediram apoio e proteção, a par do reforço da prevenção da violência no namoro.

Por fim, a líder das Mulheres Socialistas reiterou o objetivo dar visibilidade ao problema do assédio sexual, “para que as vítimas sintam confiança no sistema de proteção” e reforçando a proteção das vítimas de Violência, propondo a criação “de uma Linha Nacional ‘SOS Assédio Sexual’”.

Reforçar a rede de estruturas das MS-ID

Ao nível interno do partido, Elza Pais disse querer consolidar a rede de estruturas concelhias, “que lançamos em 2020, e que praticamente só tem dois anos de existência por motivos relacionados com a crise pandémica que vivemos”. Esta rede, assinalou, congrega cerca de 200

estruturas disseminadas por todo o território nacional, onde neste momento militam de forma ativa quatro mil mulheres.

“Recentemente, este ano, foi criada a presidência regional das MS-ID, que até à data não existia. Isto significa que no território descobrimos talentos de mulheres para a ação política, que se perderiam para a política se esta rede não tivesse sido criada. Posso mesmo dizer que o ativismo político do PS nos territórios ganhou com a militância das mulheres que passaram a integrar as nossas estruturas”, acrescentou, referindo que “nos dois últimos anos, por via desta rede, o número de mulheres militantes do PS aumentou 30%”. Para Elza Pais esta rede “precisa de ser consolidada por quem a criou”, sendo os resultados eleitorais bem a prova disso. “No último ano lançamos um programa formativo, onde foram capacitadas cerca de mil mulheres, este processo de empoderamento e capacitação tem de ser continuado e consolidado. Foi esta uma das grandes mensagens da nossa campanha”, afirmou a presidente das MS-ID. ■